

POR UMA PRÁTICA POLÍTICA

DESOBEDIENTE

Andityas Soares de Moura Costa Matos
Bárbara Nascimento de Lima

Neste quinto número da *(des)troços*, propomo-nos a repensar a prática política a partir da desobediência. Vivemos em uma época na qual as estruturas hierárquicas de poder político nos atravessam incessantemente. Em especial, estamos submetidas a um paradoxo teórico e material que se concretiza sob a forma da "democracia representativa", assumida enquanto paradigma institucional máximo de realização política, mas que nada mais é do que um sistema deliberadamente escolhido com o objetivo de afastar do poder aquelas que não preenchem suas condições de uso e acesso. Nesse contexto, é inegável que os métodos tradicionais de controle e/ou resistência ao poder político estratificado já não são suficientes para alterar o *status quo* ou para provocar mudanças concretas e efetivas em resposta às demandas da sociedade.

Contra esse poder político estratificado, surge, nas ruas, a desobediência política confeccionada pelos gestos comuns de pessoas ordinárias. Nas praças em que corpos desobedientes se aglutinam na formação do espaço político, os afetos do combate anunciam a possibilidade de um novo porvir inegavelmente desutópico, no qual a experiência da desobediência se constitui enquanto uma nova prática política que rompe com a separação e com a hierarquia em nome do comum.

A desobediência política é o dispositivo subversivo que desativa o que está posto e determinado. Ela rompe com o constituído, com as estruturas árquicas e nômicas que separam, dividem e excluem. Sendo ela mesma vulgar, ela está ao alcance de qualquer uma, bastando, para usá-la, abandonar a aquiescência. Interromper o tempo da produção, ocupar espaços intocáveis, dizer não ao comando que se impõe de cima: eis os gestos desobedientes que subvertem a ordem hierárquica e divisora sob a potência criativa do caos, do não saber e do lançar dos dados que é a aposta democrática, pois a desobediência política é aquela que desnuda o rei.

Dessa forma, pensada a partir de uma perspectiva radical, a democracia pode ser compreendida como um espaço de desobediência precisamente porque ela é o que Andityas Matos, em seu livro *A an-arquia que vem*, chama de *an-arquia*, ou seja, "não uma doutrina política que objetiva negar o poder, mas sim uma experiência política que objetiva trazer o poder à tona". Experimentar uma vida democrática, nesse sentido, nada mais é do que viver, ao mesmo tempo, uma vida an-árquica (sem fundamento) e uma vida desobediente (sem divisões ou hierarquias). Trata-se, afinal, de reconhecer que "não há nenhuma vocação a realizar, nenhum destino histórico a concretizar, nenhuma ética natural a efetivar, nenhum dever a cumprir, havendo apenas a vida da potência, na qual as possibilidades se abrem diante do ser, que não precisa forçosamente realizar nenhuma delas".

Neste número, estão presentes os textos *Agamben contra Agamben: por uma vida nua*, de Daniel Arruda Nascimento; *Civil disobedience: a dispute of concepts*, de Bárbara Nascimento de Lima; *A desobediência como ethos: Foucault leitor de O anti-Édipo*, de José Luís Ferraro; *Biopolítica, desenvolvimento, insegurança, exclusão e violência*, de Jairo Marchesan, Krishna Schneider Treml e Sandro Luiz Bazzanella; *Normas de gênero e normas jurídicas: reflexões sobre dildo e violência*, de Júlia Vidal e Jailane Devaroop; *Estética da ferocidade*, de Rafael Leopoldo e *80 Tiros: como contar a violência? Análise sobre a percepção da violência policial nas redes sociais*, de Victor Hermann Mendes Pena.

Além disso, o presente dossiê temático também conta com duas traduções sobre o tema da desobediência civil: *Como resistir ao populismo autoritário*, de William E. Scheuerman e *Fidelidade à verdade: Gandhi e a genealogia da desobediência civil*, de Alexander Livingston.

Por fim, nosso número dedicado ao tema da desobediência também é composto pelos trabalhos artísticos de Luísa Cunha Machala, por meio da obra *Ainda quando*, e de Rafael Tavares dos Santos Almeida, Matheus Santiago e Camilo Vladimir de Lima Amaral, com a obra *As ruas reinventam o caminho da desobediência: barricadas contra máquinas coloniais*.